

General-de-Brigada João Severiano da Fonseca

Atividades culturais

ALBERTO MARTINS DA SILVA

A vida que hoje relembramos, extinta precisamente há 111 anos, em 7 de novembro de 1897, começou em 27 de maio de 1836, em Alagoas. Foram 60 anos e 5 meses de uma existência digna e exemplar, voltada para o próximo, para a Pátria, para o estudo e para o Serviço de Saúde do Exército.

Vindo de sua cidade natal, em 1842, viveu no Rio de Janeiro quase 55 anos, identificando-se com o seu povo nos momentos mais cruciais dos surtos epidêmicos, incorporando-se aos círculos e às representações culturais, dignificando-se no oferecimento à Pátria, em seus momentos de guerra, representando a cidade como Senador da República, enfim, vivendo-a nos tumultuados anos de sua história (1841-1897), quando assistiu às disputas políticas na luta da unidade do Império, às guerras externas, à abolição da escravatura, às questões militares, à evolução da cidade, à queda da monarquia, à proclamação do regime republicano, ao Governo Provisório, à Revolução na Armada, à Revolução Federalista e à Campanha de Canudos.

De uma família de militares — era o sétimo de oito irmãos — tendo todos eles incorporados ao Exército, sendo soldados denodados e patriotas autênticos, tendo três deles — Hipólito Mendes, Eduardo Emiliano e Afonso Aurélio, sido



mortos durante a Guerra do Paraguai. Enquanto os irmãos mais velhos se voltavam para as fileiras do Exército, João Severiano estudava humanidades. Preparando-se para a digna profissão de médico, vem demonstrar ao longo de sua vida, o seu grande amor ao próximo. O ano de 1854 marca o seu ingresso na Faculdade de Medicina da Corte. Formou-se no ano de 1858 e, acompanhando seus irmãos, ingressa no Serviço

General-de-Brigada João Severiano da Fonseca, Patrono do Serviço de Saúde do Exército.

de Saúde do Exército, partindo para os campos de batalha no Paraguai.

A primeira grande doação do nosso biografado à cidade foi voltada para o bem comum, em 1854. Grassava o cólera com sua força mórbida dizimando grande parte da população, que perdeu quase cinco mil pessoas. João Severiano veio ajudar os doentes e necessitados, ainda acadêmico de medicina. Por isto, foi agraciado pelo Governo Imperial, com a Comenda da Ordem da Rosa, no Grau de Cavaleiro.

Devotado ao estudo, procurou o convívio das associações culturais para melhor expandir sua inquieta inteligência. Com um grupo de médicos e farmacêuticos, trabalhou em prol da criação do Instituto Farmacêutico do Rio de Janeiro, oficialmente reconhecido em 29 de julho de 1858.

A Associação Nacional dos Artistas Brasileiros o admite como membro, em agosto de 1858; presidiu a Academia Filosófica e integrou o Instituto Médico Brasileiro. Desde a época da Faculdade que escrevia versos, que eram admirados pelos seus companheiros e professores.

Homem voltado aos estudos humanísticos e de alma sensível à história pátria e aos afetos familiares, não poderia fugir aos chamamentos

um documento assinado por Joaquim Noberto de Souza, organizador das manifestações ao Sr. Dom Pedro I, onde lhe é solicitado poesias para o grande evento da inauguração da estátua eqüestre do fundador do Império.

Em seu retorno à Pátria, ocorrido em 1871, depois de quase sete anos de ausência, traz no peito comendas, na vida militar promoções por bravura, elogios de chefes e no coração a feição dos camaradas e a dor imensa dos saudosos irmãos.

Seu labor de historiador, geógrafo, etnólogo e poeta cristaliza-se após uma estupenda viagem que fizera quando integrava a Comissão de Limites entre o Brasil e a Bolívia, no período entre 1875 a 1878. A par de sua atividade médica esmera-se no estudo da região por onde passa, perquirindo, anotando, projetando para o futuro suas potencialidades, interessado na terra, no índio, no pobre, no doente, enfim, em tudo aquilo que seu espírito arguto pode observar e pressentir. Desse manancial surgiu a obra “Viagem ao redor do Brasil”, elogiada pela crítica especializada. O historiador Capistrano de Abreu assim comenta, em junho de 1881, o valor do trabalho:

“...há muito que não se publica entre nós um livro que tanto se recomende. Nós ainda não somos dignos de livros como este”.

O ano de 1880 foi de intensa atividade. Parecia resolvido a investir com sua bagagem cultural em todas as portas onde o saber era cultuado e reconhecido. Assim, em 12 de abril daquele ano, ingressa na Academia Imperial de Medicina e, em 13 de agosto, no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, onde foi seu orador e vice-presidente.

Já é por todos nós conhecido o episódio na sessão de 29 de novembro de 1889 — passados somente quatorze dias de proclamada a República — quando assumindo a tribuna, em uma

Grassava o cólera com sua força mórbida dizimando grande parte da população, que perdeu quase cinco mil pessoas. João Severiano veio ajudar os doentes e necessitados, ainda acadêmico de medicina

da poesia nas nuances da rima ou nas apresentações da prosa esmerada. O primeiro escrito poético saiu à lume na revista Popular, sob o pseudônimo S.da F., intitulado “Sonho de Além-túmulo”, no qual narra a história de um fato ocorrido quando, em 1855, prestava sua colaboração na ajuda aos enfermos da epidemia de cólera; o que ele viu, cantou em belos versos. Sabemos, também, por

oração magistral, e aplaudida de pé, solicita que a cadeira que ocupara o Imperador Pedro II, nas inúmeras sessões que estivera presente, permanesse inocuada. Até hoje, no salão nobre daquele Instituto, pode-se vê-la como Dr. João Severiano, em tão boa hora requerera. Atitude digna do amigo e admirador, àquele que era o benfeitor da Casa. Era o Homem, reconhecendo no Homem, apesar dos homens, o significado da sua grandeza na consciência de todos.

O Barão Homem de Melo, em 1881, o convida para mais uma participação em eventos da cidade; a Biblioteca Nacional organiza a Exposição Histórica e Geográfica, e o Dr João Severiano compõe a Comissão Organizadora, ao lado de nomes como Machado de Assis, Vitor Meireles Tristão Alencar Araripe, Joaquim Manuel de Macedo, Alfredo Taunay, Saldanha da Gama, Barão de Teffé, Pimenta Bueno, Ramiz Galvão, Beaurepaire Rohan e outros.

Em 1882, faz parte da Sociedade de União Militar e, no ano seguinte, funda a Associação dos Homens de Letras do Brasil, núcleo inicial da Academia de Letras do Brasil; a reunião contou com a presença de 53 ilustres personalidades e presidida por sua Majestade Dom Pedro II, que se fez acompanhar da Princesa Izabel e esposo Conde D'Eu. Dr. João Severiano foi um dos oradores, quando falou sobre “Savanas e Florestas”. Era um homem de ideais de liberdade, que cultuava a verdade. Antes, em 1881, já fundara com os irmãos Severiano Martins e Pedro Paulino o Clube Abolicionista Alagoano. Em 1887, assina a ata de fundação do Clube Militar. Os assuntos políticos que dominaram esta década envolveram, por certo, o vigor e a inteligência do nosso Patrono.

A Loja Maçônica Pedro II, em sessão plenária, o acolhe como membro do seu quadro, “limpo e puro”, convidando-o para, no vale do Lavradio, prestar o juramento de costume. Era o reco-

nhecimento a quem sempre propagou conhecimentos visando ao melhoramento da condição social do homem, pela instrução, pelo trabalho e pela beneficência, propostas maçônicas fundamentadas no amor de Deus, na humanidade, na Pátria e na família. Moldura compatível com o que ele foi nas atitudes de cidadão, no comportamento de militar e na abnegação de médico.

Em 1895, em ofício do Dr Furkim Werneck, prefeito da cidade, é convocado para compor a Comissão de averiguação dos objetos encontrados nas escavações do Morro Santo Antônio. Faziam parte desta Comissão os cidadãos doutores João Capistrano de Abreu, Felisberto Freire, José Vieira Fazenda e João Felipe Pereira. Era a cidade atestando a sua competência, em assuntos da sua história.

Consolidado o novo regime, é eleito para o Senado Federal, representando o Distrito Federal, ao lado do Almirante Eduardo Wandenkolk e Dr. Joaquim Saldanha Marinho. Ao ser eleito, o jornal “Cidade do Rio”, em sua edição de 20 de setembro de 1890, assim elogia o novo Senador:

“Médico, literato, membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, João Severiano da Fonseca é um espírito culto, um caráter e um coração. Serviu nos hospitais de sangue durante a Guerra do Paraguai como cirurgião do Exército, e dizem dele os nossos soldados que foi bravo e caridoso”.

E prossegue:

“Tem as simpatias dos seus subordinados, cujas condições melhorou; e a estima do Exército e da sociedade, de que é também um dos ornamentos. General, fez sempre o mais nobre uso de suas armas — o bisturi, a pena, a espada. Completou-lhe a Nação agora a armadura, investindo-o da palavra como arma de paz, como arma de conselho, como arma de construção. Eleito Senador, na idade de 55 anos, continuará a servir

ativamente à República e não desmentirá nunca a tradição honrosa do seu nome”.

Não desmereceu o cargo que recebera. Foi político probo e batalhador.

Dirigiu o Serviço de Saúde em dois períodos: de 1890 a 1892 e de 1895 até sua morte, em 1897.

Tem as simpatias dos seus subordinados, cujas condições melhorou; e a estima do Exército e da sociedade, de que é também um dos ornamentos. General, fez sempre o mais nobre uso de suas armas — o bisturi, a pena, a espada

Ambos, com o senso crítico e o tino administrativo que lhe eram peculiares.

Durante a Campanha de Canudos, a Diretoria de Saúde, sob a sua gestão, exerceu importante papel com a mobilização de pessoal e material de sanitário, a criação de um Depósito de Material de Saúde e a criação da Enfermaria da Ilha das Flores — já que o Hospital Central do Exército não dispunha mais de leitos para receber os feridos do sertão baiano.

Foi agraciado com a Palma da França e pertenceu ao Instituto Histórico e Geográfico Argentino, à Sociedade de Geografia de Lisboa, ao Atheneu de Lima e à Sociedade de Geografia de Madrid. Foi agraciado com as Ordens da Rosa, de Cristo, de São Bento de Aviz e do Cruzeiro. Era membro da Irmandade da Santa Cruz dos Militares e da Irmandade de Nossa Senhora das Dores, onde prestou atendimento médico gratuito durante vários anos.

Uma vida iluminada pelo desempenho profissional, pelo ardoroso patriotismo e pela honrada conduta cívica. Faleceu em 7 de novembro de 1897 na cidade do Rio de Janeiro, e sepultado no Cemitério do Caju.

Nas homenagens prestadas no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, a oração foi proferida pelo Dr. Alfredo do Nascimento e Silva

que, após traçar sua vida política e militar, assim termina o necrológio:

“...se o talento, a dedicação e o civismo fizeram-lhe admiradores; se a gentileza e a cortesia fizeram-lhe amigos, a extrema afetividade caridosa fez-lhe agradecidos os que ora atiram sobre seu túmulo as bênçãos e as saudades, entre as flores que ali depositam seus amigos, ao troar dos canhões que, por sua voz possante despede-se, pela Pátria, do filho que a soube honrar”.

Esse Homem que foi médico abnegado e viveu o silêncio agonizante dos hospitais e o barulho desesperador dos campos de batalha, soldado que era; que foi pobre, conhecedor de privações, e galgou, pelo estudo, constância e inteligência, seu lugar na sociedade; que foi conhecedor da história brasileira, e em suas terras palmilhou, estudando e perquirindo; que foi poeta na sua sensibilidade estética e literária; que foi filho, irmão, pai, amigo, conselheiro, esposo e chefe exemplar, não poderia ser deixado esquecido no momento que ressaltamos as suas qualidades literárias.

O Exército Brasileiro, que evoca figuras de sua história, que cultua os vultos de nossa Pátria, para perpetuar seus feitos e suas dedicações, rejubila-se em ouvir, por tantas vezes, as ações de seu ilustre médico. O Serviço de Saúde, portador de tão excepcional herança — o legado do seu exemplo — cultua com mais intensidade esta celebração. Todos os seus integrantes, em todo o Brasil, nos hospitais, policlínicas, enfermarias onde houver um médico, farmacêutico ou dentista, perfilados, compreenderão a grandeza de bem servir, o valor do bom desempenho e a servidão da dedicação patriótica.

.....

ALBERTO MARTINS DA SILVA é General-de-Brigada Médico natural de João Pessoa – Paraíba. Integrou a Missão Militar Brasileira de Instrução no Paraguai. Foi Diretor do Hospital Central do Exército e Comandante da Escola de Saúde, entre outras funções de destaque. É historiador com várias obras publicadas e algumas em andamento.